

O uso de espaços livres públicos nas cidades brasileiras durante a pandemia da Covid-19:

A relação entre ambiente e usuário em João Pessoa, PB

EIXO TEMÁTICO 02: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA
PAISAGEM

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Sofia Nobrega Fernandes de Medeiros / Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade
Federal da Paraíba (UFPB) / sofia.nobrega@academico.ufpb.br

RESUMO

Diante do contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, houve um longo período de distanciamento entre os brasileiros e a cidade. Pela impossibilidade temporária de utilizar os espaços livres públicos, eles passaram a representar ambientes de refúgio, de contato com a natureza e de socialização, mesmo que, inicialmente, de maneira cautelosa. Assim, problemas anteriores a esse acontecimento foram ainda mais ressaltados à sociedade, como a privatização dos espaços, a sensação de insegurança e o descaso com a manutenção de equipamentos e mobiliários. Logo, o artigo estuda a relação entre os espaços livres públicos brasileiros e seus usuários no período da pandemia de Covid-19, com estudo de caso a cidade de João Pessoa, capital paraibana, no recorte temporal de um ano, entre março de 2020 – período inicial da pandemia em território nacional – e março de 2021. Para isso, fez-se uma revisão bibliográfica sobre o urbanismo relacionada ao contexto histórico e ao seu aporte teórico-conceitual e aplicou-se um questionário de opinião pública de forma virtual. Dessa forma, constatou-se a relevância desses espaços para o uso comum e, a partir do caso de João Pessoa, tomou-se conhecimento das novas formas de uso e apropriação para futuros planejamentos urbanos.

PALAVRAS-CHAVES: espaços livres públicos; pandemia; João Pessoa.

ABSTRACT

In the context of the Covid-19 pandemic in Brazil, there was a long period of distance between brazilians and the city. Due to the temporary impossibility of using public open spaces, they began to represent environments of refuge, contact with nature and socialization, albeit cautiously at first. As a result, problems prior to this event were even more highlighted to society, such as the privatization of spaces, the feeling of insecurity and the neglect of equipment and furniture maintenance. The article therefore studies the relationship between brazilian public open spaces and their users during the Covid-19 pandemic, with a case study of the city of João Pessoa, capital of the state of Paraíba, over a period of one year, between march 2020 – the initial period of the pandemic in Brazil – and march 2021. For that, a bibliographical review was carried out on urbanism related to the historical context and its theoretical-conceptual contribution, and a public opinion questionnaire was applied virtually. This revealed the importance of these spaces for common use and, based on the case of João Pessoa, the new forms of use and appropriation for future urban planning.

KEYWORDS: public open spaces; pandemic; João Pessoa.

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020, após a contabilização de milhares de casos de Covid-19 em diferentes países, a OMS - Organização Mundial da Saúde - declarou a situação mundial como pandêmica, causada por um novo coronavírus (WHO, 2020). Por ser uma doença de fácil transmissão, os especialistas passaram a recomendar o distanciamento e isolamento social, o uso de máscaras faciais e a



constante higienização das mãos de forma a evitar o contágio entre as pessoas. Devido a isso, em todo o planeta, cidades, antes com ruas cheias de pessoas, se encontraram quase completamente vazias – “cidades-fantasma” –, com seus moradores em casa e sem desfrutar dos espaços livres.

Até haver algum tipo de flexibilização nos regimentos locais que possibilitasse o uso desses espaços urbanos, meses se passaram com o contato abalado entre os indivíduos e a cidade. Ainda assim, com a diminuição do número de casos da doença e com o início da vacinação da população em massa, as ruas, praças e parques não voltaram da mesma forma e com a mesma intensidade que anteriormente. Essas áreas passaram a comportar novas atividades, funções e públicos, sendo necessário repensar a forma que elas estavam sendo planejadas.

Tendo isso em vista, percebe-se a indispensabilidade de se estudar a relação entre os espaços livres brasileiros e seus usuários durante a pandemia de Covid-19, tendo como estudo de caso a capital paraibana, João Pessoa, cidade litorânea no nordeste do Brasil. Com isso, os objetivos centrais da pesquisa são entender os novos usos designados a esses espaços a partir do início da pandemia e refletir sobre a realidade de João Pessoa através de investigação entre moradores. Para isso, inicialmente foram feitas revisões bibliográficas de trabalhos acadêmicos, artigos e livros que analisam as mudanças de hábitos relacionadas aos espaços livres durante o período em questão, assim como discutem medidas a serem tomadas a partir de agora para novos projetos ou reformas urbanas tendo o indivíduo como fator central. Além disso, também foi aplicado um questionário voltado a habitantes da cidade para compreender melhor sua percepção sobre esses espaços após o período mais intenso da pandemia – de março de 2020 a março de 2021. Conforme os casos elencados em resolução (Brasil, 2016), não houve a necessidade da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, por constar como investigação de opinião pública sem identificação dos participantes.

Assim, o artigo foi estruturado a partir de uma conceituação inicial e abordagem histórica dos espaços livres no meio urbano em escala global, seguido de um estudo sobre a relação de uso dos mesmos com os indivíduos e sua distribuição na malha urbana no caso do Brasil. Refletiu-se, então, a respeito de uma possível mudança de relação desses espaços diante do recente contexto pandêmico, analisando-se, ainda, consequências e estratégias para as cidades e espaços públicos elaboradas a partir dessa nova experiência. Por fim, aproximando-se ao recorte espacial de João Pessoa, Paraíba, são apresentados o questionário aplicado, seus respectivos resultados e as considerações finais da pesquisa.

2 CIDADE E SAÚDE: OS ESPAÇOS LIVRES

De acordo com Filipe Narciso (2009), o termo espaço público tem um conceito complexo, variando sua abordagem de acordo com quem o conceitua. A autora o apresenta como um espaço de uso coletivo que teve sua primeira aplicação em 1977 ao se referir a ruas, praças, áreas verdes, entre outros, além de ser palco de ações políticas e de relações interpessoais dentro da cidade (Ascher, 1995; Indovina, 2002; Serpa, 2004 apud Filipe Narciso, 2009). Já Macedo (1995, p. 16), trata como espaços livres “todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho”.

Apesar de ser um termo relativamente novo, a prática de se implantar áreas voltadas à população no planejamento das cidades teve início no século XIX, após a Revolução Industrial. Com o desenvolvimento das indústrias na Europa, iniciou-se um processo de êxodo rural para suas proximidades, intensificando o crescimento de aglomerados urbanos e o aumento populacional nessas áreas, que não apresentavam condições de acomodar toda essa mudança



rapidamente. As cidades, nessa época, eram caracterizadas pelo caos e pela insalubridade, visto que não havia abastecimento de água, tratamento de esgoto, os animais conviviam livremente com as pessoas e as moradias eram precárias, sem higiene, circulação do ar e iluminação natural (Benevolo, 2001).

Devido a essa falta de estrutura, principalmente próximo às habitações dos operários, a proliferação de epidemias se intensificou bastante entre a população, o que chamou a atenção de higienistas e médicos sanitaristas da época. Assim, segundo Benevolo (2001), entre 1830 e 1850 teve início a urbanística moderna, que consistiu na intervenção do poder público na forma da cidade com o intuito de aprimorar as condições sanitárias através de normas públicas e medidas concretas como obras de saneamento básico e infraestrutura, melhoria nas habitações, alargamento de ruas, abertura de parques públicos, entre outros. Nota-se, então, o começo de certa preocupação pela implantação de espaços abertos, verdes e de qualidade no planejamento da cidade, diante da percepção de sua relação direta com a saúde pública.

3 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NAS CIDADES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

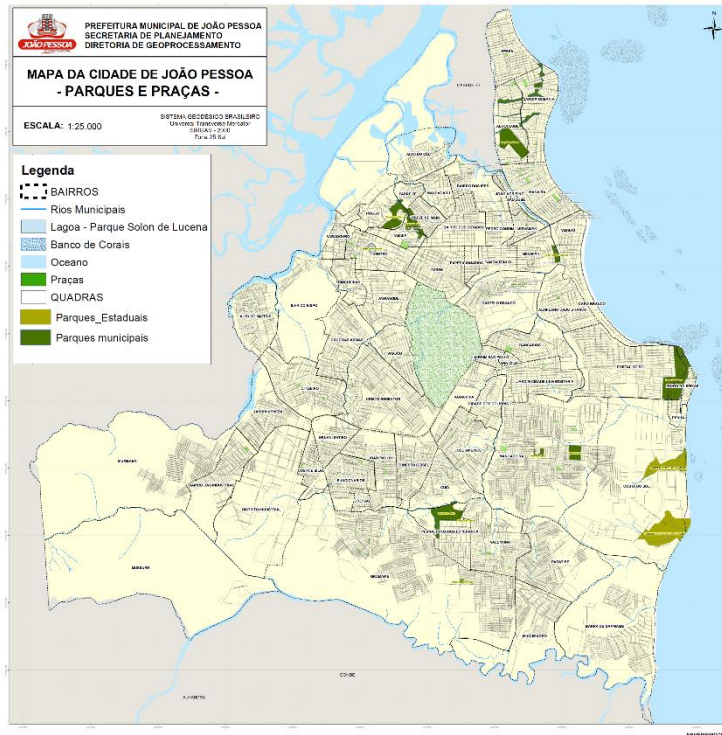
Os espaços livres públicos sempre apresentaram a característica de serem um lugar, no sentido de a população criar uma relação de pertencimento com tais ambientes por promoverem, em uma mesma área, diversidade de públicos, atividades e funções. Atualmente, no entanto, com o advento das tecnologias e a intensificação do estilo de vida capitalista, as grandes cidades apresentam, cada vez mais, maneiras segregacionistas e imediatas de tentar replicar a vivência urbana em locais privados, monótonos e controlados, como os shoppings centers e os condomínios fechados (Bezerra; Cunha Júnior, 2020). Para alguns autores, no entanto, como Caldeira (2000 apud Bezerra; Cunha Júnior, 2020), o fato de não nos relacionarmos com os lugares do mesmo modo que antes não representa a morte do espaço público, mas sim uma mudança na forma como usamos a cidade.

Além disso, no caso do Brasil, ainda é possível reforçar outros aspectos que influenciam negativamente o uso desses espaços. A sensação de insegurança que os parques, praças e ruas transmitem aos seus usuários, por exemplo, está relacionada à privatização de ambientes de consumo e lazer, ocasionada pelos altos muros, câmeras de segurança e vigilância opressora constante. Outro fator é a precariedade da manutenção desses locais. Considerando que os espaços públicos, dentre outras características, podem propiciar o contato com a natureza dentro de um ambiente altamente urbanizado e têm a função de refúgio em determinadas situações – como no momento de isolamento social diante uma pandemia –, é necessário que sua infraestrutura seja de qualidade, de forma a promover conforto e segurança aos indivíduos (Gomes, 2008). A pouca diversidade de usos em muitas das ruas brasileiras – apenas comerciais ou residenciais, por exemplo – também dificulta a vitalidade urbana em diferentes horários, como à noite ou em horários não comerciais, diminuindo o uso desses espaços pela falta de segurança.

Algo que já era observado e discutido no âmbito das cidades do Brasil e ficou ainda mais explícito com a pandemia de Covid-19 é a má distribuição de espaços públicos verdes na malha urbana. No mapa de João Pessoa a seguir (figura 1), por exemplo, é possível ver esse aspecto através das manchas que identificam parques e praças pela cidade, havendo uma maior concentração de espaços planejados exatamente onde se encontra a parcela mais abastada dos habitantes, enquanto as zonas central, oeste e sul não dispõem do mesmo privilégio.



Figura 1: Mapa da cidade de João Pessoa (PB) com identificação de parques e praças



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://filipeia.joaopessoa.pb.gov.br/>. Acesso em: 5 set. 2021. Adaptado pela autora.

Com relação a isso, as mais prejudicadas são as pessoas de mais baixa renda, que, além de sofrerem com o déficit habitacional e a carência na infraestrutura urbana, não têm acesso a ambientes de lazer confortáveis e de qualidade próximos a suas residências (Real, 2021). Percebe-se, então, que tal privação do direito à cidade, ainda mais no contexto recente, em que uma doença altamente contagiosa pode ser evitada através da salubridade de espaços associada à higiene coletiva, é bastante preocupante nessas áreas de vulnerabilidade social tão comuns no território brasileiro.

4 O USO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DURANTE A PANDEMIA NO BRASIL

A partir das medidas de restrição e de lockdown em algumas localidades, os moradores das cidades passaram a observar suas próprias residências e priorizar a qualidade e o conforto dentro delas. Dentre os principais aspectos constatados pelos indivíduos estão a carência de ambientes abertos que possibilitem o contato com o exterior, a necessidade de espaços amplos que acomodem diferentes atividades e lazer (Bonduki, 2021) e a falta de um espaço onde possam se manifestar e se expressar (Beiguelman, 2020). Assim, gradualmente, a própria população foi encontrando formas de realizar suas necessidades e novos usos foram sendo atribuídos aos espaços livres, que passaram a ter um novo significado após um longo período de reclusão: refúgio (Real, 2021).

De acordo com Lunardon (2020), enquanto os trabalhadores que cruzam as cidades até seu emprego têm as praças e ruas como passagem, os marginalizados – pessoas em situação de rua, imigrantes, trabalhadores de aplicativo e motoboys – usam os mesmos espaços por muito mais tempo. Conforme Andrade e Nunes (2021), essa população que vive nas ruas – a qual teve um

aumento significativo em seu número desde o início da pandemia – se vê destinada a tais espaços devido a situação de vulnerabilidade em que se encontravam, consequência da atual crise econômica do país.

Além disso, atividades básicas que já eram comuns nesses locais – como a prática de exercícios físicos, levar crianças para brincar e pequenos comércios – se intensificaram nesse período, dado que as praças eram os espaços livres disponíveis que não demandavam de longos deslocamentos de suas casas (Andrade; Nunes, 2021).

Figura 2: Crianças no Parque Parahyba I, em João Pessoa



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

No entanto, a maior parte desses espaços não estava preparada para garantir a segurança de seus usuários com relação aos protocolos de biossegurança para evitar o contágio do novo coronavírus. Dessa forma, aos poucos, os próprios indivíduos foram se adaptando para seu uso através de medidas locais que ajudassem na esperada volta à cidade após meses “aprisionados” em casa. (Garcia, 2020). Assim, os espaços livres passaram a ser protagonistas na socialização e no lazer durante esse período, enquanto ambientes fechados, como shoppings, tornaram-se pouco recomendados.

Outra forma que as pessoas encontraram para manter a relação com o espaço livre foi a partir do uso das janelas e varandas de suas próprias residências. A redescoberta desses elementos das moradias se deu tanto para fins individuais de contato com o exterior e manutenção da saúde mental, como coletivamente, para momentos de homenagens às perdas pela doença ou manifestações políticas. Esses últimos, de acordo com Beiguelman (2020), foram bastante significativos para a reconfiguração do espaço público no atual período pandêmico, marcados por protestos audiovisuais, levando as ruas e praças às fachadas dos edifícios das cidades.

5 CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS PARA AS CIDADES E ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

PÓS-PANDEMIA

Todas essas mudanças no modo que os espaços livres estão sendo usados apresentam, direta ou indiretamente, influências socioespaciais na forma urbana. Para Bonduki (2021), esse momento de clausura, associado ao medo do exterior, pode fortalecer ainda mais o



individualismo e a segregação dentro das cidades, atrasando o processo de valorização do espaço público que vinha acontecendo desde a última década.

Além disso, Pinto (2020) reforça que se deve priorizar a variedade característica dos espaços livres públicos, e atentar à comodidade do privado, que transmite uma falsa percepção de diversidade através das tecnologias, causando a “mixfobia” – medo de se misturar – ou a própria preferência por evitar o diferente (Bauman, 2009 apud Pinto, 2020).

Assim, é perceptível que o espaço público se encontra sob ameaça (Andrade; Nunes, 2021), retomando a discussão já recorrente no meio urbano de morte do espaço público, sobre a qual Lunardon (2020) alega que a pandemia intensificou o que já vinha em curso há certo tempo.

Por esses motivos, é necessário que as cidades e os espaços livres públicos sejam remodelados para que atendam às novas demandas – principalmente sanitárias – e que priorizem o pedestre em seu planejamento. Tendo em vista a urgência de se adaptar esses ambientes para as necessidades atuais, uma forma imediata, porém de curto prazo, em que a própria população pode intervir em escala local é o urbanismo tático, como forma de retomar o direito à cidade e criar um sentimento de pertencimento com o lugar (França; Faria, 2021).

Porém, para se atingir uma melhor qualidade e longa duração, é necessário um projeto urbano bem articulado com outros pontos da cidade. A NACTO (2020), por exemplo, elaborou um documento no qual apresenta táticas a serem aplicadas em ruas para resposta e recuperação da pandemia, dentre elas as ruas abertas, a ampliação de calçadas, a disponibilização de ambientes para refeições ao ar livre, entre outros. De acordo com Harrouk (2021), a UN-Habitat - Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos - também desenvolveu estratégias a curto, médio e longo prazos que visam o melhor desenvolvimento urbano enfatizando a “acessibilidade, flexibilidade, projeto, gestão e manutenção dos espaços públicos, conectividade e distribuição equitativa.” Um dos exemplos é a criação de espaços flexíveis os quais possibilitem diferentes funções permanente ou temporariamente, podendo receber feiras, acolher e assistir comunidades necessitadas, delimitar horários definidos para diferentes usos das ruas e possibilitar bairros autossuficientes por meio de hortas comunitárias, por exemplo.

A lista também identifica a questão da integração dos espaços com seu entorno, associada à melhor distribuição dessas áreas comuns pela malha urbana, facilitando o contato dos moradores da cidade com o espaço público de forma segura e rápida, em curtos deslocamentos a partir das suas casas (Harrouk, 2021).

Com relação às áreas centrais das cidades e de maior adensamento populacional, o Programa destaca a criação de ciclovias e ciclofaixas, diminuindo o espaço destinado aos veículos. Já se referindo especificamente aos materiais usados nos mobiliários, equipamentos e pisos, sobretudo devido às recomendações sanitárias exigidas no momento atual, é importante que sejam escolhidos considerando a maior praticidade e manutenção possível, como o aço e o vidro (Harrouk, 2021).

6 RELAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E OS PESSOENSES DURANTE A PANDEMIA

Para essa pesquisa, foi realizado um questionário virtual através da plataforma Google Forms aplicado entre os dias 16/11/2021 e 28/11/2021, voltado a usuários de espaços livres públicos residentes na cidade de João Pessoa. Por se configurar como investigação de opinião pública sem identificação dos participantes, não foi necessária a aprovação da pesquisa pelo Comitê de



Ética em Pesquisa (Brasil, 2016). O objetivo principal da investigação foi compreender a relação entre tais ambientes e seus frequentadores – mudanças de perspectiva e possíveis novos usos – e alterações na forma urbana da cidade considerando o intervalo de março de 2020 a março de 2021, delimitado a partir da declaração da pandemia até antes das maiores flexibilizações determinadas.

As 13 perguntas realizadas e suas respectivas respostas disponibilizadas foram:

1. **Onde você mora?** Foram fornecidos os 64 bairros de João Pessoa, para responder onde morou por mais tempo durante o período analisado.
2. **Você costumava frequentar espaços públicos antes da pandemia?** “Sim” ou “não”
3. **Se sim, quais?** “Praças”, “parques”, “praia”, “calçadinha”, “não frequentei espaços públicos nesse período” e “outro”.
4. **Durante a pandemia, você frequentou espaços públicos?** “Sim”, “não”.
5. **Se sim, quais?** “Praças”, “parques”, “praia”, “calçadinha”, “não frequentei espaços públicos nesse período” e “outro”.
6. **Você considera que, próximo à sua residência, há uma boa distribuição de espaços públicos?** “Sim” ou “não”.
7. **Para chegar até esses espaços, como você se deslocava durante a pandemia?** “A pé”, “bicicleta”, “automóvel particular”, “transporte público”, “táxi ou serviço de transporte por aplicativo” e “não frequentei espaços públicos nesse período”.
8. **Dos espaços que você frequentou, considere o mais próximo à sua residência. Nesse mesmo período, quanto tempo você levava, aproximadamente, para chegar até ele?** “Até 15 minutos”, “entre 15 e 30 minutos”, “entre 30 minutos e 1 hora”, “mais de 1 hora” ou “não frequentei espaços públicos nesse período”.
9. **Durante a pandemia, quais atividades você costumava realizar nesses locais?** “Apenas distração”, “prática de exercícios físicos”, “trabalho”, “como acompanhante (de crianças, idosos, pessoas com necessidades especiais...)”, “não frequentei espaços públicos nesse período” e “outro”.
10. **No período da pandemia, você se sentia seguro(a) nesses espaços?** “não, pois não havia movimento de pessoas, policiamento e boa iluminação”, “não, mesmo havendo movimento de pessoas, policiamento e boa iluminação”, “sim, mesmo sem movimento de pessoas,

policiamento e boa iluminação”, “sim, pois havia movimento de pessoas, policiamento e boa iluminação” ou “não frequentei espaços públicos nesse período”.

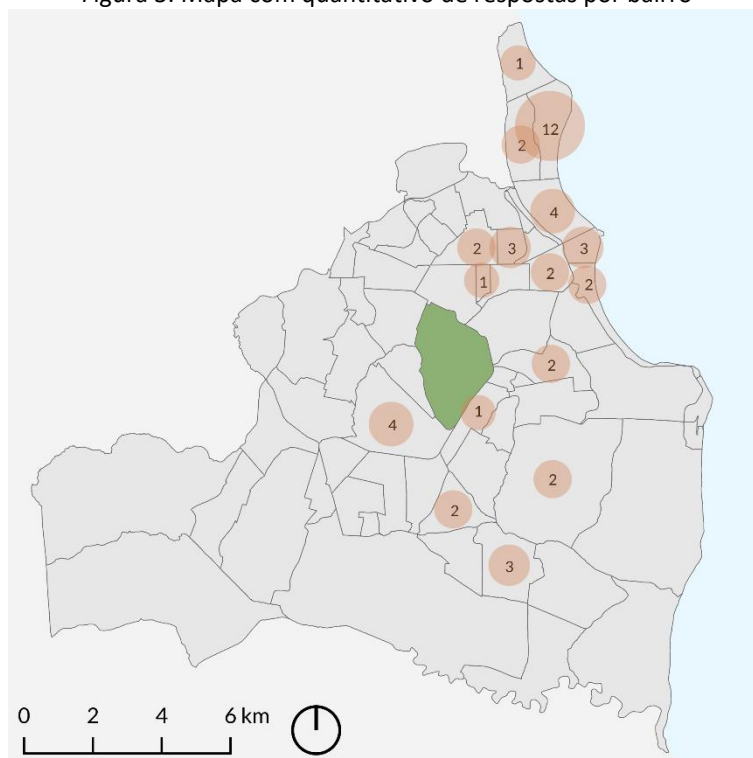
11. **Como você considerava a qualidade e a manutenção da estrutura e dos equipamentos desses locais durante a pandemia?** “Ótima”, “boa”, “razoável”, “ruim”, “péssima” ou “não frequentei espaços públicos nesse período”.

12. **No período em questão, próximo à sua residência, houve alguma alteração na forma urbana da cidade (como melhorias de praças e parques ou novos espaços públicos)? Se sim, qual(is)?** Pergunta aberta.

13. **Você considera que mudou de perspectiva com relação ao espaço público devido à pandemia?** “Não, continuo usando-os e vendo-os da mesma forma” ou “sim, passei a usá-los de novas formas e dar mais valor aos espaços públicos na cidade”.

Ao fim do questionário, foram obtidas 46 respostas, abrangendo um público adulto de faixa etária variada e de 16 diferentes bairros da cidade, dentre os 64 bairros existentes.

Figura 3: Mapa com quantitativo de respostas por bairro



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A partir dos resultados obtidos, primeiramente, foi percebido que cerca de 44% das pessoas que utilizavam espaços públicos antes da pandemia deixaram de frequentá-los no período de março de 2020 a março de 2021. Além disso, a maior parte dos entrevistados residentes nas zonas norte e leste – área mais bem servida de espaços livres – é mais satisfeita com a distribuição desses ambientes nas proximidades de suas residências, realidade que muda à medida que vai se distanciando desse núcleo. Dessa forma, o deslocamento até esses locais, para a maioria dos entrevistados, se deu em até 15 minutos e a pé. No entanto, os moradores que não consideram seu bairro bem provido de espaços públicos acabam levando mais tempo de deslocamento –



confirmando a escassez desses ambientes em outras áreas da cidade – e são impossibilitados de usarem modais ativos, como a pé ou de bicicleta, sendo necessário fazer o uso de automóveis particulares, serviços de transportes de carona ou transporte público. Essa última opção foi a menos apontada, o que pode significar a má cobertura do mesmo pela cidade, a falta de segurança nesses transportes ou a má qualidade dos equipamentos, que não é o foco principal da pesquisa em questão.

O questionário também retratou o que foi anteriormente apontado no trabalho, ao mostrar que a prática de exercícios físicos e o uso desses ambientes como forma de distração foram as opções mais assinaladas no que diz respeito à forma que os indivíduos usufruíram dos espaços durante a pandemia.


Com relação às respostas afirmativas sobre as mudanças na forma urbana da cidade nesse período, pode-se perceber que houve estratégias locais tomadas pelo Governo que priorizaram o convívio público ao ar livre, que foram desde a criação de novos espaços à manutenção dos já existentes. Por fim, percebe-se que, predominantemente, houve sim uma mudança de perspectiva a respeito da forma que os moradores de João Pessoa enxergam os espaços livres públicos, reconhecendo sua relevância para a cidade e se apropriando dos mesmos de forma mais intensa e completa, lhes atribuindo maior diversidade de atividades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto causado pela pandemia da Covid-19 atingiu o âmbito urbano desde as grandes cidades aos pequenos centros brasileiros, provocando consequências nas suas formas urbanas. Em João Pessoa, na Paraíba, não foi diferente, sendo possível observar alterações no cotidiano dos espaços livres públicos, principalmente no que diz respeito à quantidade de pessoas presente nesses ambientes. Assim, foi feita uma análise através de entrevistas virtuais por meio de um questionário para compreender melhor a relação entre esses locais e os moradores da cidade, buscando identificar novos pontos de vista e novas formas de se utilizar os espaços.

Inicialmente, a partir do embasamento teórico da pesquisa, ficou notável a importância do espaço livre público – seja na forma de rua, de praça ou de parque – na vitalidade urbana e no cotidiano dos moradores, tendo em vista sua função de proporcionar relações entre indivíduos, natureza e cidade. Cabe, portanto, aos arquitetos, urbanistas e governantes compreenderem essas novas mudanças para que os futuros espaços em questão sejam projetados levando em consideração tais alterações, que apresentam novas demandas nas diferentes escalas. Espaços multifuncionais, de fácil manutenção e que permitam a conexão dos usuários com a natureza, não um espaço elitizado, restrito a determinada parcela da população, mas acessível a todos e de fácil legibilidade.

Já o questionário veio a confirmar a teoria anteriormente estudada, indicando que a realidade de João Pessoa não é tão diferente do restante do país. A partir das respostas obtidas, percebeu-se que, além da persistência da problemática nacional de insuficiência de espaços livres públicos abrangendo a cidade como um todo, ainda faltaram incentivos da capital paraibana para a melhoria da qualidade de vida de seus moradores, apesar de algumas intervenções pontuais mais voltadas a um público específico. É importante destacar que as estratégias tomadas em escala local realizadas de forma emergencial não são um fim, mas sim um meio para se atingir um resultado provisório, enquanto maiores intervenções são melhor planejadas antes da execução. Dessa forma, percebe-se cada vez mais a necessidade de se disponibilizar espaços livres públicos de qualidade para toda a população para a volta gradativa e segura desses frequentadores. Para isso, tais estudos podem e devem embasar novos projetos urbanos quanto



à multifuncionalidade, aos materiais utilizados e à morfologia espacial adequados de acordo com as orientações de salubridade então publicadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Camila; NUNES, João. A mutação do espaço público: sociabilidades na Praça da Paz, João Pessoa - PB, antes e durante a pandemia do coronavírus. **Sociabilidades Urbanas**, Revista de Antropologia e Sociologia, v. 5, n. 13, p. 63-79, mar. 2021. Disponível em: <grem-grei.org/wp-content/uploads/2021/02/5-CamilaJoaoArt_SocUrbsv5n13mar2021.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: ECidade, 2020. 44 p. Digital (Coleção Outras palavras vol. 8). Disponível em: <escoladacidade.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/200811_op_giselle_LEITURADIGITAL.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BEZERRA, M. A.; CUNHA JÚNIOR, M. F. Cidades, espaços públicos e comportamento: discussões sobre o cenário urbano no contexto de pandemia global. **Observatório das Metrôpoles**, 11 jun. 2020. Disponível em: <www.observatoriodasmetropoles.net.br/cidades-espacos-publicos-e-comportamento-discussoes-sobre-o-cenario-urbano-no-contexto-de-pandemia-global/>. Acesso em: 29 set. 2021.

BONDUKI, Nabil. Os impactos da pandemia no futuro das cidades. Da revalorização das moradias à segregação. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 21, n. 249.05, Vitruvius, abr. 2021. Disponível em: <vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/21.249/8068>. Acesso em: 5 set. 2021.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, ed. 98, seção 1, p. 44, 24 mai. 2016.

FILIFE NARCISO, Carla Alexandra. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**: revista do Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p. 265-291, segundo semestre de 2009. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/4518/451844629002.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

FRANÇA, T.; FARIA, T. COVID-19 e Urbanismo Tático: novas possibilidades de uso do espaço público em tempos de pandemia. In: Congresso Latino-americano de Desenvolvimento Sustentável, I. mai. 2021. **Anais**. Viçosa: UFV, 2021. p. 494-504. Disponível em: <www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/8780/form4287251885.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GARCIA, Cecília. A praça como lugar de ressignificação de espaços públicos durante e pós-pandemia. **Archdaily**, 8 nov. 2020. Disponível em: <www.archdaily.com.br/br/950831/a-praca-como-lugar-de-ressignificacao-de-espacos-publicos-durante-e-pos-pandemia>. Acesso em: 28 ago. 2021.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Estudos Geográficos**: Revista Eletrônica de Geografia, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 101-120, 2007. Disponível em: <www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/967>. Acesso em: 29 set. 2021.

HARROUK, C. Tradução Vinicius Libardoni. 12 Estratégias para construir cidades mais resilientes em tempos de pandemia. **Archdaily**, 1 jul. 2021. Disponível em:



<www.archdaily.com.br/br/961294/12-estrategias-para-construir-cidades-mais-resilientes-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 5 set. 2021.

LUNARDON, Kauan Arthur Fonseca. Pandemia e Espaço Público: um destino distópico? In: Seminário Nacional - Urbanismo, Tempo e Espaço, I., 2020. **Artigo**. Curitiba: UFPR, 2020. Disponível em: <rppc.emnuvens.com.br/urbanismo/article/view/487>. Acesso em: 5 set. 2021.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**, [s. l.], n. 7, p. 15-56, 1995. DOI: 10.11606//issn.2359-5361.v0i7p15-56. Disponível em: <www.revistas.usp.br/paam/article/view/133811>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MONTEIRO, E. Z. et al. Encontros coreografados: os espaços públicos e sua resignificação durante a pandemia de Covid-19. **Cidade e Representações**: coleção arquitetura e cidade, Rio de Janeiro, v. 2, p. 286-296, 2020. Disponível em: <www.iar.unicamp.br/ia/wp-content/uploads/sites/7/2021/05/Livro-Artigo-14.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

NACTO, Global Designing Cities Initiative. **Ruas para resposta e recuperação da pandemia**, 2020, 47 p.

PINTO, Simã Catarina de Lima. O aspecto destruturante da pandemia na reconfiguração dos espaços: do individual ao coletivo. **Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 11, n. 5 (2020), p. 276-284, 2020. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7856627>. Acesso em: 5 set. 2021.

REAL, Paula Carolina Salomão. **Arquitetura pós pandemia: o futuro dos espaços públicos em Heliópolis**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAU-Mackenzie, jun. 2021. Disponível em: <issuu.com/paulacsreal/docs/paula_real-tfg-web>. Acesso em: 5 set. 2021.

WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020. **WHO**, 2020. Disponível em: <www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-openingremarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 26 set. 2021.